

FCPF MAGAZINE #108



LIGA PORTUGAL MEU SUPER - J9 - 25 OUT 2024 - 18:00

EDITORIAL POR PAULO GONÇALVES

Cumprido o interregno para a disputa da 3ª eliminatória da Taça de Portugal, estão de volta à Mata Real as emoções da Liga 2. E é mesmo de grandes emoções que estamos a falar, tendo por base o último encontro aqui disputado com o Torreense. Foi uma vitória arrancada a ferros, obtida nos minutos finais, e que fez despertar a alma pacense que emana das bancadas. Em jogo difícil, frente a um bom adversário, o triunfo era muito importante para estabilizar a equipa na competição. Mesmo sob essa pressão, os jogadores souberam primeiro sofrer e, depois, criar as condições para alcançar os três pontos. No último quarto de hora do jogo tivemos um cheirinho do "jogar à Paços", e foi merecida a grande festa com que o decisivo golo de Caiado foi celebrado.

Recuperamos aqui esses momentos, porque acreditamos terem sido o clique para um novo Paços, mais confiante em campo e com maior espírito de equipa. Foi isso que já sentimos no jogo da «Taça», frente ao Vitória SC. Apesar da derrota (1-3), nenhum Pacense saiu do estádio totalmente desiludido. Perder nunca nos deixa indiferentes, mas a forma como a equipa se bateu em campo, frente ao quinto classificado da I Liga, foi a prova de que há potencial para continuarmos a subir na classificação.

Esta noite jogamos pela terceira vez consecutiva na nossa fortaleza. Mais uma oportunidade para provar que estamos melhor, e para "prova dos nove" termos o FC Vizela. Um adversário que apostou no retorno à I Liga, de onde caiu na última temporada, para reforçar o elevado contingente de candidatos à subida. É sob este panorama que vamos tentar a terceira vitória seguida no campeonato, e temos tudo para que isso aconteça, desde que as bancadas empurrem e os jogadores acreditem que jogando "à Paços" estão sempre próximos de nos fazerem felizes.

O jovem Gonçalo Nogueira é o entrevistado de hoje. Um médio que chegou cedido pelo Vitória SC (por isso não jogou na Taça) e que conquistou o seu lugar no onze. A viver a sua primeira experiência fora de Guimarães, só tem elogios para o clube que o acolheu, e acredita que o último triunfo sobre o Torreense pode ser chave na equipa: "Essa vitória em casa trouxe-nos uma confiança extra para neste jogo conseguirmos, novamente, os três pontos". Uma entrevista interessante e na qual descobrimos que o seu pai também jogou no Paços, em 1994/95.

Por falar em antigos atletas, para os jogos desta época na Mata Real têm sido convidadas velhas glórias do Clube. Na última partida, tivemos a presença do guarda-redes Pedro Correia, com quem recordamos a sua bela história no Paços.

O FC Paços de Ferreira assinou recentemente um protocolo com o Citânia de Sanfins FC. Ficamos a conhecer os detalhes do mesmo, que é mais um passo no enraizamento do Clube junto das outras agremiações do concelho que todos representamos.

Força Paços!

DESTAQUES DESTA EDIÇÃO



FCPF MAGAZINE

NÚMERO 108 - Outubro 2024

Textos e Design: Sara Alves | Fotos: Telmo Mendes, FC Vizela e Vitória SC

Impressão: PaçoPrint | Tiragem: 1000 exemplares | Distribuição Gratuita

“Tive mesmo muita sorte com o grupo que aqui encontrei”

Depois de praticamente toda uma vida ao serviço do Vitória SC, Gonçalo Nogueira abraçou um novo projeto num novo clube. Chegou ao FC Paços de Ferreira por empréstimo, no mercado de verão – emblema que, soube posteriormente, também o pai defendeu em 1994/1995 – e não tem dúvidas de que este foi “o passo certo”. Felicidade, crescimento e experiência são as palavras que melhor definem estes seus primeiros meses na Capital do Móvel.



O Paços chega a esta jornada vindo de duas vitórias consecutivas no campeonato – algo que esta época ainda não tinha acontecido. A equipa está, por fim, a entrar no caminho que pretende?

Sim, sem dúvida. Tivemos um mau início, mas creio que agora a equipa já está a assimilar melhor os processos do mister. Além disso, os jogadores vão-se conhecendo cada vez melhor, e, sim, estamos numa boa fase e queremos continuar. Queremos chegar já à terceira vitória consecutiva, novamente aqui em casa. Este é um jogo muito importante.

O jogo ser novamente em casa traz uma motivação extra.

Exatamente. Acho que falo por mim e por todos os meus colegas quando digo que jogar em casa, perante os nossos adeptos, é sempre muito melhor do que jogar fora. Pessoalmente, gosto muito deste estádio, gosto muito de jogar aqui, sinto-me bem. E o apoio deles é fundamental.

Avitória da última jornada, frente ao Torreense, foi, precisamente, a primeira conquistada em

casa, nesta temporada. A falta desse triunfo caseiro estava, de alguma forma, a pesar?

Não. Nós entramos sempre para cada jogo a querer ganhar. Esse é o nosso objetivo: ganhar todos os jogos, seja fora ou em casa. Tínhamos tido alguns jogos aqui na Mata Real em que tivemos algum azar... Houve ali uma falta de sorte, o golo não entrava. Mas, sim, essa vitória em casa traz-nos uma confiança extra para no próximo jogo conseguirmos, novamente, os três pontos.

E a verdade é que se ainda há três jornadas o Paços estava na zona de descida, entretanto já deu um salto considerável. A Segunda Liga é muito isto, em dois ou três jogos muda logo muita coisa na tabela. O que esperas agora deste duelo com o Vizela?

Será um jogo difícil. O Vizela é uma equipa que joga bem, mas acredito que vai encontrar um Paços também muito difícil. Acho que vai ser um bom jogo – e esperamos ganhar. A Segunda Liga é muito competitiva e cada detalhe vai fazer a diferença no final. Temos de nos agarrar a cada jogo como se fosse o último, para irmos

amealhando o máximo de pontos possível. E, no fim, logo se fazem as contas.

Antes do encontro desta sexta, houve Taça. Apesar da derrota com o Vitória, sentes que a equipa saiu mais forte dessa partida?

Eu acho que sim, sem dúvida. A equipa jogou muito bem e deu provas de que consegue estar em patamares superiores, na minha opinião. E o jogo foi contra uma grande equipa. Tudo isso dá confiança aos nossos jogadores e dá confiança à nossa equipa técnica de que o trabalho está a ser bem feito. Agora é continuar.

Foi-se lendo que, a jogar com aquela atitude também na Segunda Liga, o Paços conseguirá estar numa situação muito melhor. Vocês conseguem entender esta frase? Achem, efetivamente, que houve uma outra atitude nesse jogo?

Eu não diria que houve outra atitude. Falando por mim, eu entro sempre com a mesma atitude em todos os jogos e quero ganhar todos os jogos. Agora a verdade é que há jogos em que as coisas saem melhor. Se calhar neste não tínhamos tanta “pressão” de ter de ganhar, e isso pode ter feito com que os jogadores se soltassem mais.

“**Nem pensei duas vezes, sou muito sincero. Aceitei e vim. Como disse, muito devido à história do clube. Acho isso muito importante.**”

De todos os jogos que o Paços já fez esta época, só falhaste, precisamente, este último. Como é que tem sido esta experiência no clube?

Estou a gostar muito. Logo no primeiro dia, quando cheguei, senti-me muito bem. O plantel é incrível, com pessoas incríveis, desde os mais velhos aos mais novos. A diversidade que existe é excelente, porque os mais velhos, como é óbvio, têm muita experiência e conseguem ajudar os mais novos. E os mais novos conseguem crescer cada vez mais rápido devido ao apoio dos mais velhos. Acho que isso é fundamental num grupo de trabalho.

Eu tento aprender todos os dias com os mais velhos, e sinto que estou a crescer muito como jogador e como pessoa. Este foi um passo certo na minha carreira.

E mesmo com o início de época mais conturbado, porque os resultados não eram os desejados, a equipa não se deixou ir abaixo. Vocês mantiveram-se muito focados no vosso trabalho.

Sim, penso que essa é uma característica deste grupo. A personalidade que o grupo tem, a forma como trabalha... Sinto que é um grupo trabalhador, que nunca baixa os braços, e isso nota-se muitas vezes dentro de campo. Há entreaajuda. Isso é muito positivo.

Esperavas conseguir integrar-te facilmente nas ideias da equipa?

De certa forma, não esperava ter o impacto que estou a ter, digamos assim, e claro que estou muito feliz. Esta é a minha primeira vez fora do mesmo clube depois de tantos anos, mas adaptei-me muito rápido. Também tinha aqui o Zé, o guarda-redes, com quem tinha jogado no Várzea, quando era mais pequeno, e ele ajudou-me muito nos primeiros dias. Senti-me logo mesmo muito bem integrado, e depois o futebol é o que eu melhor sei fazer, e, felizmente, está a correr bem.

Encontraste aquilo que esperavas? Ou houve algo que te surpreendeu?

O que mais me surpreendeu foram mesmo as infraestruturas. São muito boas em termos de ginásio e balneário. É tudo muito bom. Não tenho mesmo nada a apontar. Gosto mesmo de estar aqui e estou muito feliz. Agora quero que as coisas corram muito bem ao Paços e a mim.

Como mencionaste, fizeste praticamente todo o teu percurso no Vitória. Esta vinda para cá torna-se, por isso, ainda mais desafiante?

Mas, lá está, acho que me está a fazer muito bem ter vindo para um contexto diferente. Aqui, por exemplo, estou numa equipa com jogadores mais velhos, coisa a que eu não estava habituado, porque no Vitória B tínhamos

INTER=ESTORE



todos idades muito próximas. Havia um ou dois mais velhos, mas era quase tudo malta jovem, com 20, 21 e 22 anos. É diferente. E sinto que me está a fazer mesmo muito bem, porque, no fundo, vai acontecer mais vezes durante a minha carreira. E quanto mais rápido eu me conseguir entrosar nos clubes por onde passar, ou mesmo só aqui no Paços, melhor para mim

E porquê o Paços?

Pela história do clube, essencialmente. Porque é um clube que luta para subir, é um clube com ambição, é um clube histórico de Portugal. Por acaso, o meu pai, que já faleceu, também jogou cá. Chamava-se Vítor Nogueira. Eu não fazia ideia, só quando vim para cá é que a minha mãe me disse. E, não sei, se calhar tenho uma ligação especial a este clube. É um clube do qual gosto muito.

Então foi uma surpresa quando soubeste.

Sim. Ele esteve no Paços só uma época, na de 1994/1995. Só quando vim para cá é que a minha mãe me contou e soube, porque nunca privei muito com ele.

Sair, no fundo, era importante para crescer.

Sim, exato. É muito isso. E estou mesmo feliz com a decisão que tomei. Comigo estar perto de casa também, o que é importante. [Risos] Continuo a morar em Guimarães. O caminho faz-se bem, são 30 minutos todos os dias, e estou muito feliz.

E tens a experiência de um novo campeonato...

Sim, verdade. Muito diferente. Comparando com o Campeonato de Portugal, onde estava, neste joga-se mais à bola, não há tantas perdas de tempo. Há mais futebol, digamos. O Campeonato de Portugal é muito à base da força, do físico – o que também é bom para um atleta jovem – mas na Segunda Liga, assim como na Primeira, joga-se mais à bola. Não vou dizer que há mais espaço, mas há mais respeito entre os jogadores e o futebol é mais atrativo. O que, por consequência, faz com que os estádio estejam também mais cheios. O normal.

Falaste com alguém que já por cá tivesse passado, antes de assinares?



Por acaso não. Na altura, falei só com os meus agentes. O Nuno Assis disse-me que era um clube incrível – ele que também passou por aqui –, que as infraestruturas eram boas, que tinha todas as condições para poder evoluir, e eu nem pensei duas vezes, sou muito sincero. Aceitei e vim. Como disse, muito devido à história do clube. Acho isso muito importante e foi uma das razões mais óbvias que me levaram a aceitar a proposta.

Já tiveste oportunidade de conhecer a cidade, o ambiente em torno do clube?

No início da pré-época, tivemos um peddy-paper e deu logo para conhecer um pouco da cidade. Entretanto, fiz aqui um grande amigo, que é o Mota. Ele é da minha idade, damo-nos muito bem, e ele está sempre disponível para me ir ajudando e dizer como são as coisas. Então, sim, vou conhecendo aos poucos.

Vindo tu de um clube que tem uma forte ligação à cidade também, consideras que é, realmente, fundamental que os atletas conheçam o melhor possível o ambiente que envolve o clube que



FIXPAÇOS[®]
fixing forward

representam? A conexão é, desde logo, maior.

Claro, sem dúvida. Quanto mais o jogador perceber o significado do emblema que carrega ao peito, mais facilidade terá em se integrar, em cumprir os objetivos do clube. E depois, claro, vindo os resultados, os adeptos gostam. Havendo essa harmonia entre adeptos e jogadores – que eu acho importantíssima – a equipa estará sempre mais perto de ganhar.

Recuemos agora alguns anos, também para ficarmos a conhecer um pouco mais do teu percurso. O futebol foi sempre uma certeza desde que eras miúdo?

Foi, posso dizer que sim. Comecei no futsal, aos cinco anos, e ainda joguei dois aninhos. Depois é que fui para o futebol, para o Várzea, e a partir daí não quis outra coisa. [Risos]

O futsal ficou logo de parte.

Ficou logo de parte, sim. Mas creio que foi uma etapa importante para mim, porque me ajudou a ter relação com bola, por exemplo.

E acabou por haver a influência de alguém ou foste mesmo tu que quiseste ir por aí?

Na altura, o companheiro da minha mãe gostava de futebol, eu gostava de futebol, porque o meu pai tinha sido jogador, o meu avô também tinha sido jogador – ainda que num contexto diferente. No fundo, o futebol estava na família e foi uma escolha fácil.

Sais do Várzea para o Vitória em 2013/2014. Fazes, aliás como já referimos, toda a formação no clube, e chegas aos seniores em 2022/2023. Como é que foi esse momento?

Sim, estreei-me na Taça da Liga, frente ao Vilafranquense. Foi um momento de grande orgulho para mim e para a minha família. Era uma coisa pela qual eu lutava todos os dias para alcançar, e consegui-lo proporcionou um momento muito feliz e de muito orgulho.

Na época passada, além dos jogos da equipa B, voltaste a ser chamado ao plantel principal. E logo no primeiro jogo da época, em casa do NK Celje para a Conference League, marcas o teu primeiro golo pelos seniores.

Esse momento então está mesmo na memória. [Risos] Foi inacreditável. Nunca na vida sonhei com algo assim. Eu tinha 19 anos e estreeava-me a marcar pela equipa principal do Vitória numa competição europeia. Foi dos momentos mais incríveis da minha vida.

Tanto numa estreia como na outra, estavas a contar com a oportunidade?

Eu vinha a treinar bem. Na altura, sentia que o mister Moreno também gostava de mim, e foi uma questão de ele me dar a oportunidade e de eu a agarrar – e acho que agarrei. Entretanto, ele saiu umas semanas depois, e tornou-se um pouco mais difícil para mim. Voltei à equipa B. É o futebol. Cada treinador tem as suas ideias e as suas preferências. Cabe-nos a nós, jogadores, trabalhar todos os dias e esperar por uma oportunidade, agarrá-la e mostrar ao treinador que podemos jogar também.

“O Paços é um clube familiar. As pessoas que aqui trabalham são pessoas de bem e que querem o bem do Paços.”

Foi também em 2023 que te estreaste na Seleção Nacional – no caso, na seleção de Sub-20. É efetivamente diferente de tudo o que se vive enquanto clube.

É um sentimento inexplicável representar o nosso país. E foi muito bom para mim também. Sinto que naquela altura já precisava de uma chamada, porque, quando era miúdo, nunca tinha sido chamado à seleção. Fiquei muito feliz e espero voltar um dia.

Em anos anteriores, esperaste por uma chamada que não chegou?

Sim. Talvez em Sub-17; Sub-18 não, por causa do COVID, mas Sub-19 também... Acho que podia ter recebido uma chamada ou outra, mas isso também sempre me deu combustível para continuar a trabalhar e chegar a esse patamar.

Ou seja, nunca lidaste com isso de uma forma negativa.

Não. Nunca me desmotivou. Pelo contrário.



Procurei sempre que a tal convocatória chegasse.

Que objetivos tens ainda pela frente?

O meu objetivo neste momento é continuar a jogar aqui no Paços e ajudar o clube da melhor maneira. Sou sincero: gostava mesmo muito de conseguir subir de divisão. É um objetivo que eu tenho, era um sonho mesmo, e trabalho todos os dias para o concretizar. É esse o meu maior objetivo neste momento: ajudar o Paços e ajudar a equipa.

O que é que já podes dizer que vais levar do Paços com toda a certeza?

Vou levar maturidade, experiência, amizades. E vou levar um carinho enorme pelo clube. Já sinto isso e estou aqui há pouco tempo, portanto, quando chegar ao fim, acho que vou sentir ainda mais. O Paços é um clube familiar. As pessoas que aqui trabalham, desde o Diogo, nos pequenos-almoços, ao doutor, são pessoas de bem e que querem o bem do Paços. E quando há esta união, as coisas tornam-se mais fáceis, porque está toda a gente a remar para o mesmo lado. E nem vou falar dos nossos capitães, que sentem imenso o clube. É tentar segui-los e aprender o mais rápido possível com eles.

Está visto que já conheces muito bem os cantos à casa, já conheces muito bem as pessoas, então vou desafiar-te a falar de três delas, para que os nossos adeptos saibam um bocadinho mais sobre elas também.

O primeiro tem de ser o Tibi, o técnico de equipamentos, porque é alguém como nunca vi na minha vida. [Risos] Às vezes está muito bem-humorado, às vezes está muito mal, mas tenho a certeza de que o que ele mais quer é que o Paços tenha sucesso, e isso é o mais importante. E dá-nos muito na cabeça, principalmente quando não ganhamos. Depois, tenho de falar do Mota, que é um grande amigo que fiz. Já nos conhecíamos "de vista", mas agora conhecemo-nos pessoalmente e ele é mesmo um grande amigo. E depois, não quero individualizar, mas ainda tenho o Rui Fonte, o Marcos Paulo, o Antunes, o Marafona...

Os quatro são referências para mim, dou-me muito bem com eles, e não os consigo deixar de fora. Meto-os no mesmo lote. [Risos]

São pilares fundamentais do balneário?

Sem dúvida. E nota-se o respeito que há entre os restantes jogadores e eles. Eles querem é ajudar, querem o sucesso do clube, querem o nosso sucesso. As vivências que eles já tiveram dão-lhes a oportunidade de nos ajudarem sempre e cada vez mais, e para mim isso é fundamental. Dão-nos também uma abertura muito grande, e sinto-me muito bem à beira deles. Sinto que são mesmo amigos. Posso falar com eles sobre o que quiser. São boas pessoas, são genuínas e eu tive mesmo muita sorte com o grupo que aqui encontrei.

Uma mensagem para os adeptos.

Acima de tudo, acreditem em nós. Acreditem que nós trabalhamos todos os dias para sermos cada vez melhores; que entramos em cada jogo para ganhar. Mesmo que as coisas por vezes não corram da maneira que todos queremos, nós estamos lá dentro e queremos o melhor para nós e o melhor para o clube. Apoiem-nos sempre. Sei que não é fácil, às vezes os resultados não deixam que eles nos apoiem tanto, mas haver essa união entre jogadores e adeptos é fundamental. Eles puxam por nós da bancada, e nós tentamos puxar por eles no campo.





FC PAÇOS DE FERREIRA E CITÂNIA DE SANFINS FC ASSINAM PROTOCOLO DE FORMAÇÃO

O protocolo celebrado por FC Paços de Ferreira e Citânia de Sanfins FC procura dar resposta a necessidades de ambos os emblemas. Desta forma, será também possível oferecer mais condições aos jovens de outras zonas do concelho que procuram ter a sua oportunidade no mundo do futebol.

O FC Paços de Ferreira e o Citânia de Sanfins FC formalizaram a assinatura de um protocolo criado para a formação. Esta parceria surge na sequência de várias interações estabelecidas ao longo dos últimos meses, trazendo benefícios para ambas as partes: por um lado, o FC Paços de Ferreira consegue ter mais espaço para desenvolver as suas atividades relacionadas com a formação, que tem cerca de 400 atletas envolvidos. Por outro, o Citânia de Sanfins FC reativa o futebol de formação no clube – algo que não existia no ano passado – dando, assim, um passo importante no seu processo de certificação.

Mas há mais. Além do aumento de infraestruturas disponíveis, surge a oportunidade de os atletas mais velhos da Escola de Futebol Castorzinhos passarem a ter competição oficial – o que não acontecia até ao momento. Este projeto começa com três equipas de futebol de 7 – Sub-09, Sub-11 e Sub-13. Será gerido de acordo com as normas de trabalho da formação do FC Paços de Ferreira, permitindo que os jovens possam praticar a modalidade com maior regularidade e de forma mais consistente, fomentando o seu desenvolvimento e possível integração nas equipas de futebol de formação dos Castores – sem que notem grandes diferenças na transição. Esta é também uma forma de o FC Paços de Ferreira chegar a uma zona mais distante do concelho, desenvolvendo atletas dessa mesma zona que, sem esta alternativa e dada a inexistência de futebol de formação no clube de Sanfins, teriam de rumar a clubes vizinhos.

Na época passada, o Citânia de Sanfins FC tinha 16 meninos do Centro Escolar da respetiva freguesia que treinavam para competir, essencialmente, nos torneios organizados pelo município. Agora, veem-se envolvidos num novo enquadramento, que projeta o seu crescimento e progressão, sem que tenham de sair da realidade da instituição Citânia de Sanfins FC para outras instituições desportivas. Sai, assim, reforçada a própria ligação dos jovens ao emblema de Sanfins – pois, mesmo que alguns atletas não consigam integrar definitivamente as equipas dos escalões superiores do FC Paços de Ferreira, podem manter-se ligados ao Citânia de Sanfins FC, mantendo igualmente o acompanhamento do staff pacense.

Na assinatura deste protocolo estiveram presentes os presidente do FC Paços de Ferreira e do Citânia de Sanfins FC, Paulo Meneses e Joaquim Santos, respetivamente; o presidente do futebol de formação, José Pinto, e o coordenador técnico do departamento de formação, Marco Paiva. “Temos aqui alguns talentos a quem é importante dar apoio e acompanhamento. Para isso, nada melhor do que ser o Paços de Ferreira a dar essa continuidade”, afirmou Joaquim Santos, destacando ainda “a possibilidade de os jovens da zona norte do concelho terem menos dificuldade em se impor no futebol”, graças ao apoio do clube da Mata Real.

Por sua vez, Paulo Meneses deu garantias de trabalho para uma ligação próspera e duradoura: “Queremos que no futuro esta parceria seja ainda mais promissora. Temos aqui um compromisso sério para que o Sanfins possa ser útil ao Paços, mas também para que o Paços traga e acrescente valor à instituição Citânia de Sanfins FC”. “O Paços de Ferreira é um clube que não pode ser apenas da cidade. Tem de ser, no mínimo, do concelho e, se possível, sair do concelho, para que as pessoas possam ver nele uma bandeira e para que essa bandeira não seja uma oposição àquela que o próprio clube – neste caso, o Citânia de Sanfins – defende”, conclui.



FC PAÇOS DE FERREIRA

FC VIZELA

CONHECE O ADVERSÁRIO DE HOJE



FUTEBOL CLUBE DE VIZELA
FUNDADO A 01 DE JANEIRO DE 1939

O Futebol Clube de Vizela foi fundado no primeiro dia do ano de 1939, tendo como finalidade "o desenvolvimento da educação física e do desporto, promovendo a sua prática e expansão, especialmente entre os associados, proporcionando-lhes igualmente meios de cultura e distração" – lê-se no site oficial. Pouco tempo depois, o clube foi presenteado por um vizelense, a quem saíra a lotaria, com a construção de um campo para os seus jogos.

O emblema minhoto regressou esta época à Segunda Liga, depois de três temporadas no principal escalão do futebol português. Antes de 2021/2022, já havia disputado a Primeira Liga em 1984/1985 – a estreia no patamar mais alto do futebol nacional.

No seu palmarés, o FC Vizela tem dois títulos de Campeão Nacional da III Divisão (1966/1967 e 1981/1982) e um título de Campeão Nacional da II Divisão B (2004/2005). Da conquista deste último troféu resultou a primeira presença do clube na Segunda Liga.



HISTÓRICO DE CONFRONTOS

25 jogos (desde 1973)

Vitórias

12

8

Golos

33

29

MAIOR VITÓRIA FCPF EM CASA



No dia 14 de dezembro de 2008, o FC Paços de Ferreira recebeu o FC Vizela para os oitavos de final da Prova Rainha. Ainda que os vizelenses tenham inaugurado o marcador aos 15 minutos e tenham estado a vencer grande parte do tempo, os Castores, aos 73', começaram a reviravolta, com Leandro Tatu, Ricardo, Pedrinha e Paulo Sousa nos marcadores. Foi nesta temporada que o Paços chegou à histórica final da Taça de Portugal.



SOLVERDE.PT



LIGA PORTUGAL 2 **Meu super**



ÚLTIMO JOGO DO VIZELA

O último desafio do FC Vizela foi há quase três semanas – mais precisamente a 6 de outubro. Isto porque o encontro da oitava jornada com a UD Oliveirense foi adiado para novembro, e a equipa também já tinha sido afastada da Taça de Portugal na segunda eliminatória da prova. Ora, então, na sétima jornada da Liga Portugal Meu Super, os vizelenses tiveram uma deslocação até Santa Maria da Feira para defrontarem o CD Feirense, e, ainda que tivessem estado quase todos os 90 minutos por cima do encontro, a falta de eficácia na hora da finalização acabou por prevalecer – e o nulo (0-0) não se desfez. Nota, contudo, para o facto de sete dos dez pontos já conquistados pelos minhotos terem sido conseguidos fora de portas (duas vitórias e um empate).



LEMBRAS-TE DELE?

Certamente que os Pacenses ainda o têm bem presente na memória. Depois de ter representado os Castores em 2023/2024 (21 jogos | 2 golos), o defesa direito **JÓJÓ** está agora no FC Vizela. No total, o internacional cabo-verdiano tem quatro jogos realizados – três na Segunda Liga e um na Taça.



SOLVERDE.PT



FUTSAL  FCPF

CAMPEONATO NACIONAL

III DIVISÃO FUTSAL - FASE REGULAR | SÉRIE A - JORNADA 4

**FC PAÇOS DE FERREIRA
DREAMCOUCH FUTSAL**

VS

LEIXÕES SC

02 de novembro | 20h00

**Pavilhão Municipal de
Paços de Ferreira**

#defendeoamarelo

TETAGUARDA™

dreamcouch

CLASSIRIBALTA

AlarSAT

martins

4 STAR MED





OUTUBRO ROSA

FC Paços de Ferreira uniu-se ao movimento

Na jornada oito da Liga Portugal Meu Super, o FC Paços de Ferreira aliou-se ao movimento Outubro Rosa, aproveitando não só para consciencializar para a prevenção e rastreio do cancro da mama, como para outros tipos de cancro - destacando a importância de estarmos sempre um passo à frente no que diz respeito à nossa saúde.

Neste sentido, antes do pontapé de saída frente ao SCU Torreense, entraram em campo onze mulheres que enfrentaram o cancro, ao lado dos atletas da equipa do FC Paços de Ferreira, que levavam os seus nomes nas camisolas. São elas o rosto que nos fará, a todos, lembrar da importância do rastreio e do diagnóstico precoce. Onze rostos de esperança.



MeixomiCozi
MOBILIÁRIO E DECORAÇÕES



PAÇOS NA HISTÓRIA

PEDRO CORREIA

É difícil encontrar-se nos dias de hoje atletas que façam toda a sua carreira profissional num mesmo clube. Ainda mais difícil se torna se esse clube for o mesmo onde completou toda a sua formação. Mas, noutros tempos, isso acontecia. E por cá também aconteceu. Pedro Correia, antigo guarda-redes do FC Paços de Ferreira, é o protagonista deste “Paços na História”.

LFM

— FOLHAS DE MADEIRA —

Esta pode ser uma daquelas histórias que apaixonam os ditos românticos do futebol. Um menino de oito anos que chega ao clube da sua terra, ao seu clube, para fazer aquilo que mais gosta – jogar à bola. Que vai crescendo, que completa a formação, que chega à equipa principal e por lá fica toda a carreira. E que, mesmo quando chega a hora de pendurar as botas – e, neste caso, as luvas – por lá continua. É a história de Pedro Correia, o ex-guardião do FC Paços de Ferreira, filho da terra, que na Mata Real viveu quase tudo o que se pode viver num clube. Ah!, faltou um detalhe: houve só um jogo na carreira em que a camisola vestida não foi a do Paços. Mas há explicação: “Fiz um jogo pelo Rebordosa. Na altura, o Paços tinha um protocolo com o clube, como clube satélite, e naquele momento o Rebordosa precisava, não tinha guarda-redes, e sugeriram que fosse eu a jogar. Já quase no final da minha carreira. O mais importante, como sempre, eram os interesses do Paços”.

Foram 34 anos de FC Paços de Ferreira, desde a formação até se ter tornado treinador de guarda-redes. Mais de metade da sua vida. Por isso, ouvimos “claro que o Paços para mim é tudo”. O caminho para a Mata Real, a certa altura, já praticamente se desenhava de olhos fechados. “Eu vivia perto do estádio, então vinha a pé para os treinos. Não tínhamos as condições que existem atualmente, quase nem campo tínhamos para treinar, e hoje basta vermos tudo o que temos à nossa volta. Mas foi muito bom ter a oportunidade que o Paços me deu nessa altura”, recorda. O salto para os seniores dá-se com o treinador Vítor Urbano, também muito graças à influência do adjunto António Dias, que o foi acompanhando durante toda a etapa de formação: “No fundo é o culminar de todo um trabalho. Sabemos que quando chegamos ao último ano de Júnior começamos a ficar com alguma ansiedade, a pensar se vamos ou não ter a oportunidade. Da mesma forma que passei eu, nessa altura havia outros colegas meus que se calhar também reuniam as condições para passarem. A transição de Juniores para Seniores trazia muitas diferenças. E ainda que, atualmente, o

clube também não tenha equipas de transição, como B ou Sub-23, é um facto que o Paços tem hoje uma formação muito boa e os jogadores saem daqui já preparados para integrar equipas seniores de outros campeonatos. Estão mais preparados”.

Com tantos anos de casa poderá, naturalmente, pensar-se que nem tudo foram rosas. Mas é nelas que nos focamos. Subidas? Tem. Idas à Europa? Viveu-as de perto. Finais? Confirmamos. E de uma lista de tão bons momentos – nos quais ainda se insere o acesso ao play-off da Champions League, já como treinador de guarda-redes – há um que Pedro destaca de todos os outros: a subida de Chaves, em 2000. “Acho que o momento de Chaves é uma viragem muito grande para o clube. De uma época que parecia não dar em nada, acabamos campeões. E se o clube chegou aos patamares que chegou, provavelmente esse foi o momento da mudança”, explica. E diz mais: “Foi a subida mais marcante. Tivemos outra, anos depois, mas não foi com o mesmo sentimento de Chaves. Claro que temos Liga Europa, final da Taça de Portugal, o acesso à Liga dos Campeões, e tudo isso são grandes momentos que ficaram marcados na história. Mas, para mim, enquanto jogador, o grande momento foi a subida de Chaves. O ambiente, a alegria das pessoas na viagem... Paços havia de estar vazio. Foi muito bonito”.



elastron®

Talvez por isso, por esta capacidade de se fazerem das fraquezas forças, pela coragem de não baixar os braços até se conseguir o objetivo, não tenha sido assim tão surpreendente que, meia dúzia de anos depois, o Vasquinho tenha aberto as portas da Europa. Para o antigo guarda-redes pacense, pelo menos, não foi. E a explicação é bastante clara: "Aqui em Paços, começamos a construir uma mística muito forte, onde não recebíamos qualquer adversário. Fosse qual fosse o jogo, nós íamos com as nossas armas. Sim, eles podiam estar com um míssil, mas nós estávamos com a fisga e era assim que íamos tentar abatê-los. Era essa a mística. Nós sabíamos que tínhamos mais dificuldades e menos ferramentas do que os outros, mas éramos uma família que vivia aqui quase 24 horas, e com essa união, com o núcleo forte que aqui tínhamos, sabíamos que um dia ia ser possível. E a verdade é que andamos sempre a ameaçar até que conseguimos". O Paços que entrava em cada época com o objetivo da manutenção era temido pelos ditos grandes – que não escondiam que vir à Mata Real, por exemplo, era dos desafios mais difíceis. E quem é que desempenhava um importante papel nesta missão também? Os adeptos, claro está. A união existente dentro do grupo contagiava facilmente as bancadas, e os próprio atletas sentiam isso e a responsabilidade que lhes trazia: "Nós sabíamos que podíamos ou não dar um bom fim de semana àquelas pessoas. Nós sabíamos que a grande paixão delas era verem o Paços no dia de jogo. E faziam quilómetros! Nós sabíamos que, às vezes, o dinheiro para ir ver o jogo podia ser o único dinheiro que algumas pessoas tinham. Sabíamos o prazer que essas pessoas tinham em ir ao jogo. E isso era cativante, dava-nos mais responsabilidade, mas mais ambição também". Que diferença teria sido jogar-se a Europa na Mata Real. E que diferente era o futebol na altura. "Hoje não é bem igual, não só no Paços, mas no geral. E isso deve-se à rotatividade dos jogadores, porque, atualmente, dificilmente um jogador fica três ou quatro anos num clube. O futebol já não é só paixão, é também um negócio, e há coisas que se perdem", diz.

Em 2009, chegou a hora de tomar uma decisão. Difícil, mas consciente. Em maio, na final da Taça de Portugal, Pedro foi convocado pela última vez enquanto jogador profissional de futebol. O "martírio" das lesões nos três anos anteriores não deixaram outra alternativa, até porque "a tendência era piorar". Uma nova era começava, agora enquanto treinador de guarda-redes, mas igualmente no FC Paços de Ferreira: "As pessoas no clube abriram-me as portas, o próprio treinador, o Paulo Sérgio, abriu-me as portas, para dar início a esta nova etapa da minha carreira, e assim foi. Felizmente, tive a felicidade de as pessoas confiarem mais uma vez no meu trabalho".

O clube era o mesmo, as pessoas eram as mesmas, até o balneário ficava logo ali ao lado. Mas tudo era diferente. "Enquanto jogadores, pensamos que é igual, mas não é. Parece que só muda a porta por onde entramos, mas é mais do que isso. Sofre-se mais quando se está deste lado do que como jogador. [Risos] Como jogador, a responsabilidade é nossa, somos nós que executamos; deste lado, a responsabilidade é nossa, mas não somos nós que executamos. Estamos à mercê de outra pessoa que executa. A nossa função é prepará-la o melhor possível, mas, naturalmente, quem está na arena é o jogador", conta. Ter sido guarda-redes acaba, contudo, por ser um trunfo no desempenho das novas funções: "Percebemos o que é estar do outro lado. Compreendemos porque é que o atleta está chateado por não jogar. São guarda-redes, só joga um e nós temos de gerir mais dois. Enquanto um jogador de campo pode ter alguns minutos por jogo ou fazer outras posições, o guarda-redes não. Só joga um e tem de ser naquela posição. Isso é o mais difícil". É fundamental, portanto, trabalhar a parte mental, tanto ou mais que a parte física: "O guarda-redes funciona muito mentalmente. Pode estar a fazer uma grande exibição, mas se no último minuto tem mais ou menos culpa num golo, é o culpado da derrota. O avançado pode ter dez situações de golo, falha nove e faz um, e é o melhor em campo. Nós costumávamos dizer, na nossa altura, que no nosso espaço nem a relva cresce. Parece que somos nós os



REDIFOGO[®]

Materiais de Protecção e Segurança Unip. Lda.

maus do jogo. [Risos] Mas foi essa paixão que me levou a ser guarda-redes e que hoje me leva a preparar os guarda-redes para o jogo”.

E 34 anos depois, tudo muda. Em 2014, Pedro Correia deixa de fazer o mesmo caminho de sempre, em direção à Mata Real e segue de malas e bagagens – literalmente – para um outro continente. “Foi uma decisão muito difícil. Já tinha tido a oportunidade de sair, mas sempre optei por ficar. Nós só ficamos, porque somos bem tratados e eu, felizmente, sempre fui bem tratado neste clube, tanto pelas pessoas que cá trabalhavam, como pelos adeptos. Isso também faz com que as pessoas fiquem na sua zona de conforto. Foi o que me aconteceu”, recorda. Como treinador de guarda-redes, Pedro representou a seleção do Gabão, onde a adrenalina dos jogos todas as semanas lhe começou a fazer falta; passou pela Tunísia, onde conheceu uma nova realidade cultural; pela Índia, onde viveu numa cidade com 27 milhões de habitantes e dez quilómetros faziam-se numa hora e meia; pela Roménia, no regresso à Europa. Até que Portugal volta a ser o destino. Mas não o Paços. Pela primeira vez.

“Quando se regressa ao fim de sete anos, nada é mais como o que deixamos quando saímos.

Os árbitros, os jogadores, os próprios clubes... Mas o mais importante: voltava a Portugal para um clube que não era o Paços”, conta. A primeira aventura foi no SC Farense, e logo na época seguinte regressa ao Norte, para representar o Boavista FC. Na Invicta, ficou três épocas, e foi pelos axadrezados que defrontou o Paços pela primeira vez. Difícil? “Muito difícil. É daqueles jogos que não quero ter. [Risos] É sempre difícil jogar contra o Paços. É como ir para uma luta contra quem nós gostamos. Mas nós somos profissionais e temos de conviver com isso. Faz parte”.

Agora no FC Arouca, para onde se mudou na presente temporada, Pedro Correia vai mantendo a sua ligação com o Paços, mas como adepto. Junta-se, atualmente, àqueles que durante tantos anos o apoiaram, para agora apoiar quem defende o amarelo. Conversa com eles, convive. Recebe, tantas vezes, o reconhecimento do trabalho aqui desenvolvido – e isso é, na sua opinião, do melhor que se pode deixar nos clubes. Aos adeptos, pede que “acreditem, pois foi sempre esse o nosso lema e a nossa força”. A quem por aqui passar, transmite aquilo que também a ele foi transmitido: “Podem-te ganhar, mas que provem sempre que são melhores do que tu”.

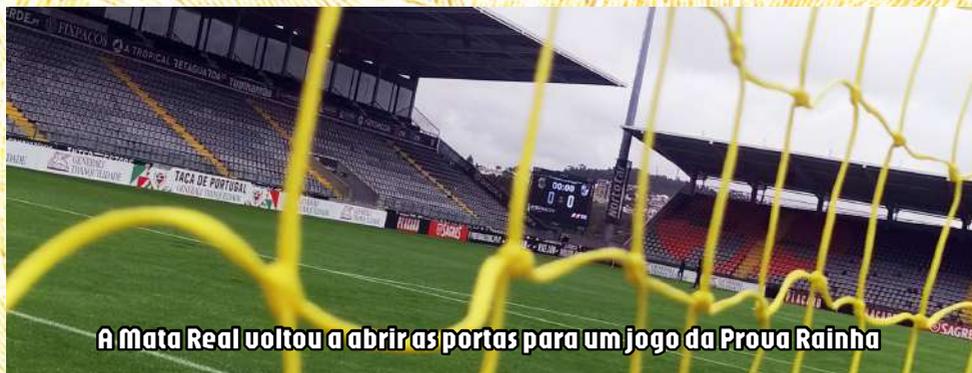



Caldas de
Penacova
Água Mineral Natural

RECORDA O ÚLTIMO JOGO

3.ª ELIMINATÓRIA TAÇA DE PORTUGAL | 19 OUT 2024 | ESTÁDIO CAPITAL DO MÓVEL

FC PAÇOS DE FERREIRA 1-3 VITÓRIA SC
(0-1) BRUNO GASPAR, (1-1) RUI FONTE, (1-2) SAMU, (1-3) JOÃO MENDES



A Mata Real voltou a abrir as portas para um jogo da Prova Rainha



Nem o Castor nem o Super Afonso faltaram à chamada



Esta foi a quarta vez que Pacenses e Uitorianos se encontraram na Taça

Uma outra visão do jogo
FCPF SIDELINE



YouTube @FCPF



Rui Fonte regressou aos golos e fez o empate antes do intervalo



A equipa bateu-se de igual para igual até ao final do encontro



E deixou bons indicadores para o que resta da temporada

PRÓXIMO JOGO
JORNADA 10 LIGA PORTUGAL MEU SUPER
CHAUES - PAÇOS

02 NOVEMBRO | 15:30H | ESTÁDIO MUNICIPAL ENG. MANUEL BRANCO TEIJEIRA



PAÇOPRINT
artes gráficas

PaçoPrint
À sua marca gráfica

